

# Interferências da Fonologia Wajãpi (TG) na aquisição da ortografia da Língua Portuguesa

Lílian Abram dos Santos

liabram@usp.br

**Abstract.** *This paper presents some hypotheses for the writing pattern in Portuguese by Waiãpi students, whose second language is Portuguese. Such hypotheses are based on the interference of Wajãpi Phonology in Portuguese writing acquisition. Some of the students' difficulties are specific to particular levels of interlanguage; others remain throughout the acquisition process.*

**Keywords.** *Writing acquisition; Phonology; second language; bilingual education.*

**Resumo.** *Este artigo apresenta um levantamento de algumas hipóteses de alunos Wajãpi a respeito da ortografia padrão da língua portuguesa, segunda língua desse povo. As hipóteses aqui descritas ocorrem devido à interferência da fonologia da língua wajãpi na aquisição da ortografia da língua portuguesa. Algumas das dificuldades apresentadas pelos alunos são particulares a estágios específicos da interlíngua; outras permanecem ao longo da aquisição.*

**Palavras-chave.** *Aquisição da escrita; fonologia; segunda língua; educação bilíngüe.*

## 0. Introdução

O presente trabalho é uma tentativa de aplicar as conclusões da pesquisa de mestrado *Aspectos da Fonologia Wajãpi* ao meu trabalho de educação, como professora de português como segunda língua para jovens wajãpi.

O Wajãpi, língua da família Tupi-Guarani, é falado por uma população, de tradição oral, que habita o estado do Amapá. Todos os Wajãpi têm o Wajãpi como língua materna. A língua portuguesa é a segunda língua desse grupo, e sua modalidade oral é aprendida informalmente a partir dos diversos contatos com agentes não-índios que trabalham com os Wajãpi.

Formalmente, ela é ensinada às crianças, por professores wajãpi, como segunda língua, somente após a alfabetização em língua materna ter sido concluída. Esse ensino formal prioriza a abordagem comunicativa. Além de ser uma das disciplinas que compõem o currículo da Escola Wajãpi, o português também é a língua de instrução e uma das disciplinas que compõem o currículo dos cursos de formação básica e magistério indígena oferecidos aos jovens wajãpi<sup>2</sup>.

## 1. Alguns aspectos relevantes da fonologia da Língua Wajãpi

Apresento, na tabela à esquerda abaixo, os segmentos fonológicos do Wajãpi (ABRAM DOS SANTOS: 2002) e, à direita, seu grafema correspondente, de acordo com a ortografia estabelecida pelos professores wajãpi.

**Tabela 1: fonemas e grafemas Wajãpi**

fonemas	Grafema
/p/	p
/t/	t
/k/	k
/k <sup>w</sup> /	kw
/s/	s
/r/	r
/m/	m
/n/	n
/ŋ/	g
[ʔ]	‘
/i/	i (silábico); j (não-silábico)
/u/	u (silábico); w (não-silábico)
/ĩ/	y
/o/	o
/ɛ/	e
/a/	a
/ĩ/	ĩ
/ũ/	ũ
/ĩ/	ã, ou, mais raramente, y
/õ/	õ
/ẽ/	ẽ
/ã/	ã

Podemos notar algumas diferenças, em relação ao inventário fonológico do Português, que se tornam cruciais na tentativa de se chegar à ortografia padrão da segunda língua. Como se pode observar na tabela acima, não há oclusivas sonoras, fricativas alveolares sonoras, fricativas labiodentais ou palatais e lateral alveolar ou palatal. Na língua wajãpi, ainda há neutralização das vogais nasais /ũ/ ~ /õ/ e /ĩ/ ~ /ã/, com predomínio da última de cada par (ABRAM DOS SANTOS: 2002). O padrão silábico dessa língua é CV(C) (idem), em que qualquer consoante pode preencher a margem esquerda, qualquer vogal oral ou nasal pode preencher o núcleo e, na posição direita somente podem ocorrer glides, /n/ e /r/, sendo que estes dois últimos só em final de palavra, em sílabas não acentuadas.

## 2. Metodologia da pesquisa

Para este estudo - que não tem como objetivo a análise quantitativa - foram analisados aproximadamente 300 textos produzidos pelos alunos dos cursos de Formação Básica para Agentes de Saúde, Magistério I e Magistério II, nos primeiros módulos de sua formação, durante o período de 1998 a 2004. A grande maioria dos textos foi produzida durante atividades escritas para as minhas aulas de Língua Portuguesa. Após a listagem das palavras que não estavam de acordo com a ortografia oficial da Língua Portuguesa, procurei classificá-las de acordo com o tipo de interferência observada (cf. adiante).

A classificação excluiu palavras exemplificadas em (1) abaixo, por constituírem grupos de palavras e não palavras isoladas:

(1) *noitende nada*; *micinava* (me ensinava); *oupoco* (um pouco)

Também não foram consideradas relevantes para esta análise notações do tipo as destacadas em (2), porque considero tais tentativas comuns também a alunos que têm o português como língua materna (MATTOSO CÂMARA JR: 1975):

(2) *boracu* (buraco); *com mico* (comigo); *votamos* (voltamos)

Embora as palavras listadas em (3) possam ser interpretadas como produto da interferência da língua materna dos alunos, elas não foram consideradas pois podem ser simples erros de ortografia, tão comuns aos escritores iniciais que têm o português como primeira língua:

(3) *fraqueça* (fraqueza); *traxer* (trazer); *quasse* (quase)

### 3. Classificação e análise das interferências

#### A. surda por sonora/sonora por surda

Exemplos:

<i>bedeira</i> (peneira)	<i>foltar</i> (voltar)	<i>quãto</i> (quando)
<i>grãte</i> (grande)	<i>sape</i> (saber)	<i>combra</i> (comprar)
<i>flauda</i> (flauta)	<i>quatrinho</i> (quadrinho)	<i>caçou</i> (cagou)
<i>fepre</i> (febre)	<i>tende</i> (dente)	<i>costa</i> (gosta)

Por não haver obstruintes sonoras em Wajãpi, podemos supor que a tendência dos alunos é optar pelo grafema que representa o som surdo do português. No entanto, nas palavras *bedeira* e *flauda* - em que a sonora é grafada em lugar da surda, parece que o aluno, ao não distinguir o traço de sonoridade desses segmentos, faz uma tentativa de acertar qual o grafema correspondente a eles, optando por aquele exclusivo à língua portuguesa. Em todos os demais exemplos, o aluno manteve os pontos de articulação, mas não percebeu o traço de sonoridade.

#### B. nasal por sonora/sonora por nasal

Exemplos:

(B1): <i>mate</i> (bate)	(B2): <i>data</i> (nada)	<i>carde</i> (carne)
<i>nome</i> (dorme)	<i>dumerou</i> (número)	<i>da</i> (na)
<i>na</i> (da)	<i>banadeiras</i> (bananeiras)	<i>do</i> (no)
<i>mora</i> (bora/embora)	<i>boquiar</i> (moquear)	
<i>no</i> (do)	<i>dosso</i> (nosso)	
<i>maneira</i> (madeira)	<i>bedeira</i> (peneira)	
<i>tabelema</i> (taperebá)		

Na coluna à esquerda (B1), fica claro que o aluno reconhece o traço vozeado das obstruintes do português, no entanto, interpreta-o como soante. Os falantes wajãpi reconhecem obstruintes desvozeadas e soantes nasais, como segmentos opostos que

mantém o mesmo ponto de articulação, visto que “*dentre os segmentos consonantais, os falantes waiãpi reconhecem três classes de sons: obstruintes, soantes nasais e soantes orais.*” (ABRAM DOS SANTOS: 2002, p.43). Como no inventário da língua portuguesa, há obstruintes surdas e sonoras e nasais com os mesmos pontos de articulação, os alunos interpretam como equivalentes os traços [+voz], das obstruintes do português, ao traço [+soante] das nasais.

Nas outras duas colunas, ocorre o mesmo processo, no entanto, o aluno faz o caminho inverso e na tentativa de acertar o grafema correto, opta por aquele que é exclusivo da segunda língua.

### C. r por l/l por r

Exemplos:

<i>regramou</i> (reclamou)	<i>quilia</i> (queria)	<i>coroca</i> (colocar)
<i>frecha</i> (flecha)	<i>espricou</i> (explicou)	<i>compricou</i> (complicou)
<i>ela</i> (era)	<i>platos</i> (pratos)	<i>peru</i> (pelo)
<i>escorem</i> (escolhem)	<i>flaca</i> (fraca)	<i>aqueri</i> (aquele)

Aqui é arbitrária a variação entre grafemas que representam o *tap* e a lateral. Provavelmente, o aluno se arrisca a grafar uma das letras, na tentativa de acertar, já que ambos os segmentos do português recebem a mesma descrição (FERREIRA NETTO: 2001, p. 100) e portanto, o aluno não saberia distingui-los:

l: *soante, sonoro, contínuo, (a.a.) coroa (lâmina) e (a.p.) alveolar*  
 r: *soante, sonoro, contínuo, (a.a.) coroa (ápex) e (a.p.) alveolar*

Somente foram encontrados exemplos dessa variação de grafemas em onsets complexos e em posição intervocálica, não havendo, portanto, tal variação em início de palavra.

Vale a pena lembrar que no português regional (Macapá/Amapá) não ocorrem formas como, por exemplo, *fror, nebrina* etc. à semelhança do dialeto caipira paulista.

### D. [o] por [u]/[u] por [o]

Exemplos:

(D1): <i>conhado</i> (cunhado)	(D2): <i>to</i> (tu)
<i>prunto</i> (pronto)	<i>boracu</i> (buraco)
<i>moito</i> (muito)	<i>jugar</i> (jogar)
<i>mondo</i> (mundo)	<i>truco</i> (troco)
<i>musca</i> (mosca)	
<i>bonda</i> (bunda)	<i>azol</i> (azul)
<i>segodo</i> (segundo)	
<i>cusiquer</i> (conseguir)	<i>cuisa</i> (coisa)

Em Wajãpi ocorre neutralização das vogais posteriores nasais, não havendo pois distinção entre /ũ/ ~ /õ/.

Essa característica da língua muitas vezes interfere na compreensão oral de algumas palavras. Durante uma aula sobre termos de parentesco dos brasileiros, eu li, enquanto escrevia na lousa, a palavra sobrinha. No mesmo momento, ouvi um aluno dizer, confuso "guarda-chuva?". Certamente, a neutralização fez com que ele tivesse interpretado minha pronúncia [sʊbrĩɲa] por "sombriinha", já que a vogal posterior nessas palavras se encontra em ambiente nasal ou soante. Esse fato pode explicar a variação dos exemplos apresentados em (D1), visto que todos os exemplos dessa coluna estão em ambiente nasal.

Em relação à coluna (D2), não é possível compreender o que causa a variação, principalmente quando ela ocorre em sílabas tônicas, já que não se pode determinar nem mesmo algum processo de harmonização vocálica. A hipótese em relação a algumas palavras dessa coluna é que a proximidade com segmentos sonoros pode levar os alunos a interpretarem o traço voz, como soante, mesmo em obstruintes.

#### **E. -nd- para -n-**

Exemplos:

*tondo* (tudo); *iganda* (engana); *barrigundo* (barrigudo); *endeia* (idéia)

Esses exemplos parecem reproduzir um dos processos fonológicos comuns à língua materna dos alunos que diz respeito ao processo de “pós-oralização” (ABRAM DOS SANTOS: 2002) de consoantes nasais, afim de interromper o espriamento do traços nasais para o núcleo silábico, por exemplo: [ẽn<sup>d</sup>ĩ'ra] ‘morcego’.

Uma outra hipótese possível, é que o traço voz da obstruinte seja interpretado pelo aluno como um traço soante e que, portanto, ele “ouça” um som nasal correspondente.

#### **4. Conclusão**

Vimos neste artigo, a partir da análise das palavras que fogem da ortografia oficial da Língua Portuguesa, que o inventário fonológico da Língua Wajãpi e, muitas vezes que o alfabeto dessa língua, influenciam na aquisição da ortografia da segunda língua desse povo. Os textos dos quais foram retirados esses exemplos nos mostram ainda outras interferências, principalmente de ordem sintática e discursiva, tornando evidente a existência de uma interlíngua que varia de acordo com o estágio de aquisição do aluno.

Algumas das dificuldades ortográficas expostas acima, tais como as exemplificados em (C), (D2) e (E) só são observadas nos primeiros estágios da aprendizagem da segunda língua e, possivelmente, não ocorrerão mais futuramente, tendendo a sumirem à medida que as crianças wajãpi tiverem mais contato com a língua portuguesa escrita, prática que ainda é bastante incipiente para esse grupo. As palavras exemplificadas em (A), (B) e (D1) podem continuar aparecendo, mesmo em textos escritos por alunos mais adiantados, principalmente aqueles em que há variação entre nasal e sonora.

#### **Notas**

1. Mestre em Lingüística (Fonologia da Língua Wajãpi), pelo DL/FFLCH/USP.
2. Atualmente há duas turmas de Magistério Indígena. Tais cursos são ministrados pela equipe de formadores da organização não-governamental Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena -

*Iepé* em parceria com o Núcleo de Educação Indígena, da Secretaria de Educação do Estado do Amapá. Há também uma turma de Formação Básica para Agentes de Saúde, ministrada pela mesma equipe de formadores em parceria com a Funasa e outra destinada à formação de pesquisadores wajãpi, em parceria com o Iphan. Ao todo, aproximadamente 60 jovens wajãpi participam dos cursos de formação oferecidos pelo *Iepé*.

## **5. Referências**

- ABRAM DOS SANTOS, Lílian. *Aspectos da Fonologia Waiãpi*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Fonologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo
- CLEMENTS, G., HUME, E. The internal organization of speech sounds. In GOLDSMITH, J. (Org.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1993.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. *Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra. 2001.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro. In: *Dispersos*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1975.